

LÍRIOS, ROSAS E OUTRAS FLORES

Gabi Coêlho



Sesc Administração Regional no Estado de Alagoas		Lírios, rosas e outras flores
Presidente - Intementor (Resolução Sesc nº 1.50/2022) Carlos Alberto Pereira da Silva		
Direção Regional Interina Carlos Alberto Marques Pessoa Júnior	ficha técnica	Lírios, rosas e outras flores2
		Texto curatorial3
		A flor e a náusea, Carlos Drummond de Andrade4
		É feia, mas é uma flor5
		Eu amo tudo o que foi, Fernando Pessoa6
		Eu amo tudo o que foi7
		A moeda de ferro, Jorge Luis Borges8
		Esquece9
Direção Administrativa e Financeira Natália Bakker de Brito Ferro		O lábio e a língua, Gabi Coêlho10
		O lábio e a língua11
		Cântico negro, José Régio12
		Facho da Loucura13
		O suicida, Jorge Luis Borges14
		Último poente15
		Fagulha, Ana Cristina César16
		Levíssimo17
		Electric blue, Gabi Coêlho18
		Electric blue19
		Queda, Mário de Sá-Carneiro20
		Queda21
		O espelho, Jorge Luis Borges23
		Lastimada de sombras24
Direção de Administração de Serviços Carlos Alberto Marques Pessoa Júnior	sumário	
Direção Interina de Programas Sociais Meire Célia Lima da Silva		
Gerência de Cultura Guilherme de Miranda Ramos		
Gerência da Unidade Sesc Arapiraca Marcus Vinicius do Carmo Silva		
Analista em Artes Visuais Fabiana Guimarães Xavier		
Analista em Produção Cultural Helena Vieira de Andrade		
Curadoria Karla Melani		
Diagramação e Projeto Gráfico Victor Hugo		

Lírios, rosas e outras flores

Gabi Coêlho [Maceió, 1987], fotógrafa e artista visual. Desenvolve projetos com autorretrato e exploração sensorial. “Busco resgatar meu espectador da passividade através da inquietação e desconforto diante das possibilidades poéticas do corpo, criando representações estéticas que transponham o limite do belo pelo belo”. Premiada como 1º lugar no prêmio *Art as response to mental health*, Reino Unido (2022), e no Edital Vera Arruda de Artes Visuais, com incentivo da Lei Aldir Blanc, Alagoas (2020). Publicada em revistas, catálogos e livros no Brasil, Chile, Colômbia e México. Seu trabalho tem sido exposto coletivamente em festivais e galerias no Brasil, Argentina, Romênia e Reino Unido. Incorporada ao acervo do Centro Cultural do Banco do Nordeste.

*É feia.
Mas é realmente uma flor.
Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio
[A rosa do povo]*

Lírios, rosas e outras flores

Inspirada no poema A flor e a Náusea, de Carlos Drummond de Andrade, a poética de Gabi Coêlho toca em lugares que geralmente nos apavoram, como um flerte intenso entre o sensível e o inteligível, sem esgotar, no entanto, questões que se alimentam e retroalimentam de incômodos existenciais.

Aguça e atravessa dores, medos e conflitos de modo contundente, voraz e incômodo. Ao criar autorretratos nesta série vibrante, a artista experimenta os próprios limites que perpassam corpo e emoções e que a maioria de nós tenta sufocar. Ela escreve: “Sou tudo o que há em mim, mas ainda sobra”. Esse verso, de um poema próprio que nomeia uma das fotografias desta mostra, seria o preâmbulo perfeito, caso fosse um livro. Resume em verso o que vemos em imagem.

Destemor, exagero e voracidade dialogam de maneira refinada, do ponto de vista estético, e se contrapõem ao silêncio, sussurro e solidão que também nos invadem sensorialmente nesta série. É quase um grito sufocando a audácia que se expressa no que vemos e sentimos ao encarar essas imagens. Nas palavras da artista “a série busca trazer o observador para dentro do quadrado preto no qual disponho as imagens, fazendo com que consiga se imaginar tasteando a tinta untada

ou respingada na minha pele, além de imaginar o cheiro e o gosto da tinta em sua própria boca” (2022:158).

As imagens criadas por Gabi se expandem para além do convencional, desafiando de modo técnico, estético e poético a imagem fotográfica tradicional. Alarga a fronteira entre as linguagens artísticas que explora em todo o processo e que a definem de modo tão singular. Ao utilizar o tátil, os líquidos e as ranhuras, trabalha em sentido oposto ao caminho que se imagina: da imagem ao poema e não o seu inverso. Ou seja, a artista prioriza a imagem e busca na palavra a contraposição que a tensiona e a torna ainda mais potente.

Além de estabelecer um viés narrativo enérgico e sensorial, cria uma contraposição essencial para mergulhar nos seus “Lírios, Rosas e outras flores”, que nos remetem a um mergulho em que podemos sucumbir em nós mesmos, assim como ela tasteia as camadas escondidas e que aqui escorrem diante dos nossos sentidos.

*Karla Melani,
curadora.*

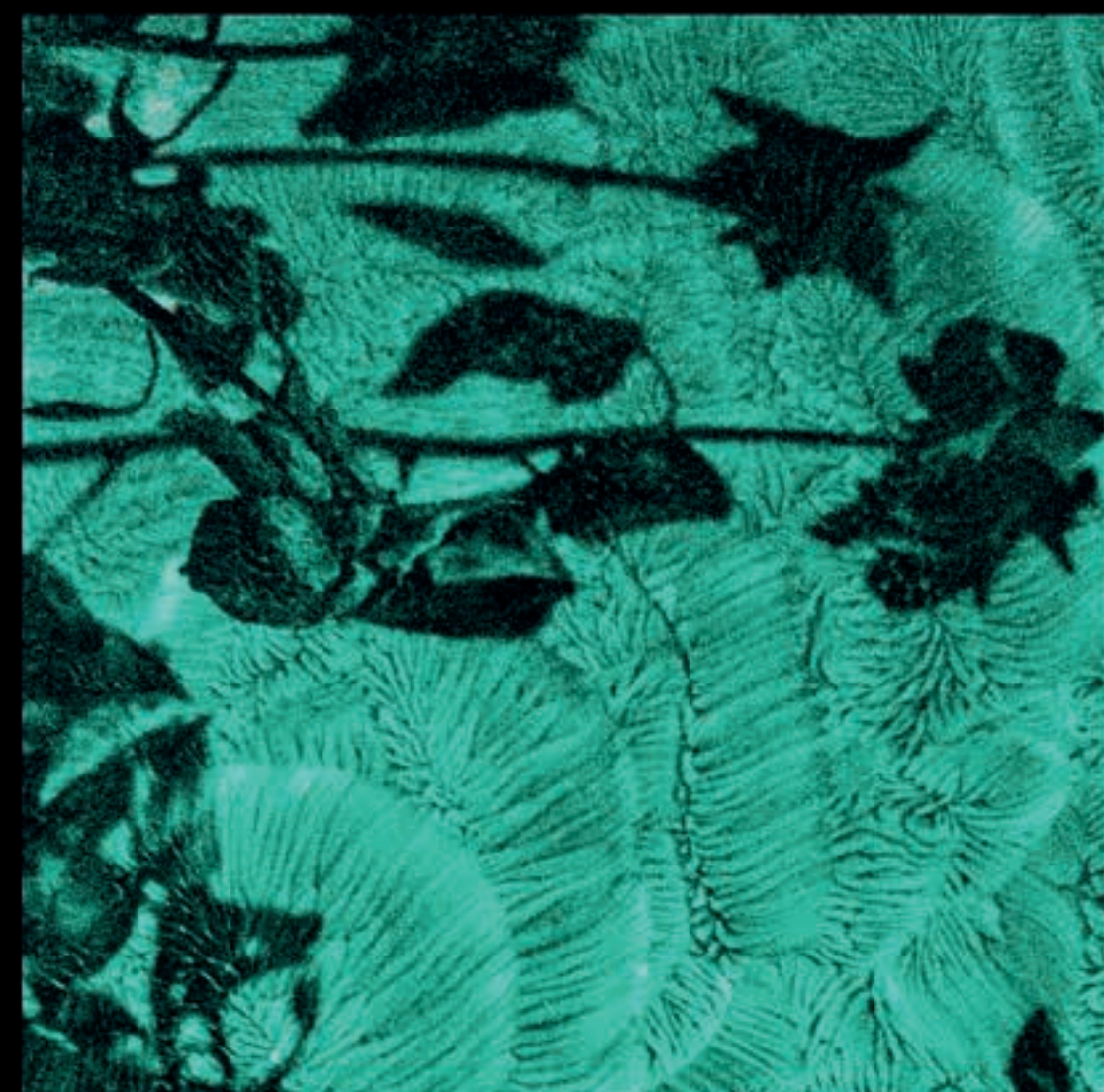
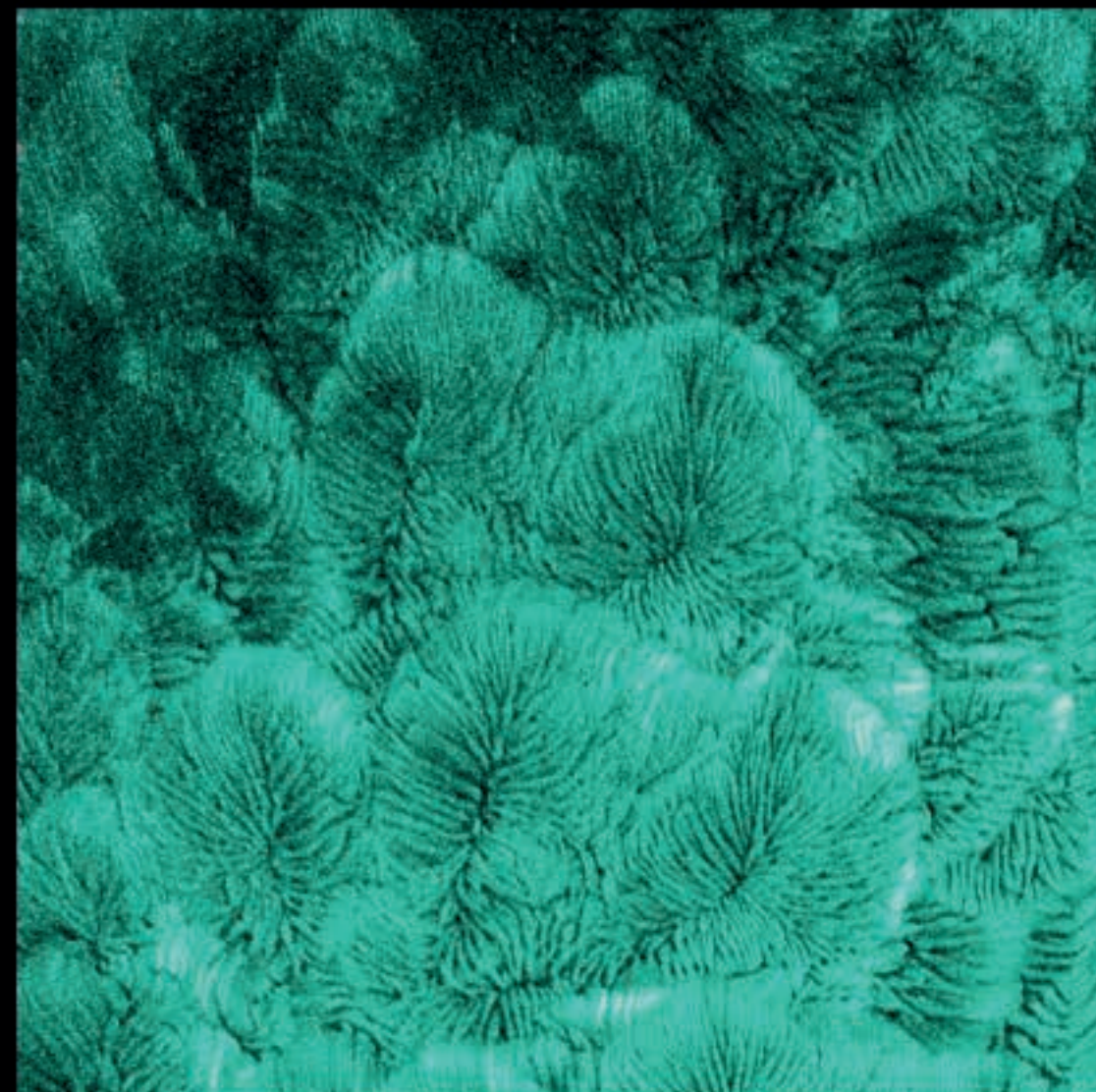
**“É feia. Mas é uma flor.
Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”**

A flor e a náusea, Carlos Drummond de Andrade



**“Eu amo tudo o que foi
Tudo o que já não é
A dor que já me não dói
A antiga e errônea fé
O ontem que a dor deixou,
O que deixou alegria
Só porque foi, e voou
E hoje é já outro dia.”**

Eu amo tudo o que foi, Fernando Pessoa



**“Não exalta nem condena.
Faz algo mais: esquece.”**

A moeda de ferro, Jorge Luis Borges



**“Tudo o que sou, sempre foi pouco para mim.
Vivo com sede.
De sentir demais e de embriagar do que sinto.
De ser o exagero, o escândalo.
Ser o caos e a aberração.**

**Tudo o que sonho, sempre foi pouco para mim.
Vivo com fome.
De ser mais e me inebriar dos cheiros dos corpos.
De ser o toque, o aperto, a mordida.
Ser o lábio e a língua.**

Sou tudo o que há em mim, mas ainda sobra.”

O lábio e a língua, Gabi Coêlho



**“Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
Eu tenho a minha loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...”**

Cântico negro, José Régio



**“Apagarei a acumulação do passado.
Farei da história pó, o pó em pó.
Estou mirando o último poente.”**

O suicida, Jorge Luis Borges



**“Eu queria
(só)
perceber o invislumbrável
no levíssimo que sobrevoava.”**

Fagulha, Ana Cristina César



**“Morreram e nasceram dois mil universos
inteiros dentro de mim.
Não sei o nome de nenhum deles.
Sigo azul.
Limpo do que me suja, sujo do que me limpa.
Não sei o nome das coisas.
Sigo sem cor, inventando um azul.
Morri e nasci inteira dentro deste universo.
Não sei meu nome.
Sigo”**

Electric blue, Gabi Coêlho



**“E eu que sou o rei de toda esta incoerência,
Eu próprio turbilhão, anseio por fixá-la
E giro até partir... mas tudo me resvala
Em bruma e sonolência.”**

Queda, Mário de Sá-Carneiro



**“Agora temo que o espelho encerre
O verdadeiro rosto de minha alma,
Lastimada de sombras e de culpas.”**

O espelho, Jorge Luis Borges



